

Inaugurada um ano após bairro, associação de moradores se une para manter local preservado de vandalismo

# Ponto de vista de quem acolheu a Orla Morena

Thailla Torres

Com 2,5 quilômetros de extensão, os trilhos e o matagal deram lugar a um espaço mais amplo, limpo e arejado na região central de Campo Grande. A Orla Morena, inaugurada em 2010, que vai da Av. Júlio de Castilhos até a Rua Plutão, no Jardim Cabreúva, tornou-se uma alternativa de lazer e cultura para que os moradores campo-grandenses pudessem sair da rotina. Com o aglomerado de pessoas na Orla Morena, em pouco tempo foi fácil perceber comportamentos negativos que trouxe transtornos aos moradores da região e motivou um projeto de cidadania que luta diariamente para manter o espaço agradável à comunidade que passa por ali.

No ano de 2011, surgiu a Associação Amigos da Orla Morena, que atua voluntariamente e conta com 16 membros entre moradores e representantes dos sete bairros no entorno da Orla. Olhares atentos e o sentimento de esperança é o que motiva moradores a cuidar e incentivar ações que possam enriquecer o compor-



Foto: Thailla Torres

**Alternativa** - Local se torna ponto de encontro para atividade de lazer destinadas a toda a população de Campo Grande

tamento e a educação de quem visita o local. Ricardo Sanches, de 31 anos, é morador da região há 15 anos e idealizou o projeto junto a outros moradores. Atualmente como presidente da Associação, ele toma um posiciona-

mento com intuito de colaborar para a conservação de um local público que atende a todos. Ricardo explica que a intenção do projeto não é substituir as responsabilidades do poder público, e sim ajudar a manter o que foi feito para a comunidade. "São ações de cidadania que funcionam, a gente se doa, somos solidários a causa porque isso aqui nos atinge diretamente" comenta.

Ao caminhar pela Orla podemos observar o que é realizado e causa efeitos positivos nos visitantes. Plaquinhas agradecendo por jogar lixo no lixo, cuidar das árvores e catar o cocô do cachorro são um dos exemplos que motiva as pessoas cuidar do local. Ricardo e outros moradores ajudam a retirar o lixo, molhar as plantas e cuidar das placas que por diversas vezes são retiradas por vândalos. "As ações negativas nos motiva. As pessoas olham com outros olhos e percebem que o espaço não está sozinho", resalta Ricardo, que demonstra orgulho em colaborar diariamente.

As árvores recebem os cuidados de dona Maria de Freitas, de 65 anos, moradora do bairro Cabreúva há quarenta anos. Quem colhe os frutos do pé de manga, goiaba e amora está colhendo o que dona Maria plantou há mais de 20 anos. Durante a entrevista, é pos-

sível perceber o brilho nos olhos quando ela fala de suas plantas, "Sempre cuidei. Eu podo, eu molho e adubo. Fico muito triste quando os pais trazem as crianças e as deixam quebrar as plantinhas, porque ninguém imagina o trabalho que dá pra fazer o pouco que estamos fazendo" diz. Maria conta que acompanhou todas as mudanças feitas na região e que a Orla veio para trazer alegria e vida a este espaço, que antes só tinha os trilhos e o matagal. Mais do que colaboração, ela ressalta que faz tudo por amor porque gosta das plantas e de ver a comunidade colhendo os frutos.

Mesmo com as ações de cidadania, a Orla Morena sofre com ação de vândalos e pessoas que não têm consciência da importância de preservar o local. "Parece que virou algo cultural, as pessoas acham que tem a obrigação de sujar e é dever da Prefeitura limpar, mas, não é bem assim" diz Ricardo. Sorrido e satisfeito em saber que a Associação dos Amigos da Orla Morena atinge diretamente quem passa por ali, ele enfatiza. "É uma luta e a gente não pode desistir, queira ou não queira, a gente está plantando uma semente e pode ser que agora não vejamos o resultado disso, mas aos poucos as pessoas vão modificando seu comportamento e a gente vai longe".



**União** - Maria e Ricardo são exemplos de valorização e cuidado dos bens públicos



A dignidade do trabalhador garantido por meio da informalidade e independência

# TRABALHO Informal e o direito a autonomia

Ana Carolina Cáceres

Acadêmicos do 6º semestre de jornalismo foram às ruas resgatar os valores da profissão de forma a proporcionar informação e reflexão sobre acontecimentos do cotidiano, integrando a disciplina de Comunicação, Cultura e Cidadania à prática oferecida pelo jornal-laboratório Em Foco.

As reportagens que você vai ler a seguir foram propostas pelos próprios acadêmicos que buscaram pessoas e situações que merecem ter suas histórias contadas, mostrando a relação de cada uma delas com o conteúdo trabalhado na disciplina, explorando o potencial humano com exemplos de solidariedade, ações de cidadania, respeito, luta pelos direitos e a reflexão a cerca deste que é o objeto de estudo de um profissional da comunicação.

Em meio às catástrofes que ocupam as manchetes dos jornais, estas pessoas se destacam por atitudes que se fazem necessárias nos dias de hoje. Moradores da Orla Morena cuidam do local como o carinho que os vândalos podem espelhar, assim como a luta dos portadores de deficiência pela Acessibilidade na Cultura em Campo Grande, união de desconhecidos que tornaram amigos pela solidariedade, a ascensão de um local que guarda histórias da nossa cultura, alerta para os riscos provenientes do abuso do álcool no meio acadêmico e a rotina de quem busca o sustento diariamente nos terminais de ônibus.

Os acadêmicos compartilham para que as histórias sejam em alguns casos espelhos para mudança de uma sociedade ainda sim preocupada consigo mesmo. Voltar os olhos para o outro, através deste curso, sinaliza o primeiro passo para valorizar o ser humano como parte fundamental da maturidade.



Determinação - A venda de salgados no terminal é a origem do sustento de Wilson

## ERRATA

Na reportagem intitulada "Alunos Indígenas recebem Incentivo", publicada na página 6 da Edição N 61 do jornal-laboratório Em Foco, o estudante Milton Bokodoregaru solicitou retificação de informações nos seguintes trechos:

"Já havia passado em outras universidades para cursos distintos... sendo um deles na UNB, Universidade de Brasília". O acadêmico explica que fez apenas a inscrição para o vestibular da instituição, não realizando o processo seletivo.

A aldeia que Milton pertence não é denominada Bororó, como foi publicado no texto, e sim Meruri, no Mato Grosso, sendo a sua etnia, Bororo, sem o acento agudo na grafia da palavra.

A reportagem afirma: "Porém, por

ser de sua cultura o casamento arranjado, escapou de um se abrigando na casa do tio por um tempo...". Conforme Milton, esse trecho do texto está incorreto, pois na ocasião era da casa do tio que ele precisou se ausentar para evitar o casamento que lhe previam.

Sobre os trechos que tratam da forma de ensino do povo Bororo, merecem alterações os seguintes trechos:

"Nos primeiros anos de escola, diferente da gente", seria mais adequado utilizar "diferente do método tradicional de ensino não indígena".

No trecho publicado "Ou seja, se a criança tem facilidade com os números, será unicamente trabalhado, assim como a criança que teria facilidade para a filosofia, química entre outras áreas de estudo", a palavra unicamente deve ser trocada por preferencialmente.

## EXPEDIENTE

Pró-reitoria Extensão e Assuntos Comunitários: Luciane Pinho de Almeida  
Pró-reitoria de Pastoral: Ms. Gillian Jose Mazzetto de Castro  
Pró-reitoria de Administração: Ir. Altair Monteiro da Silva

Coordenador do curso de Jornalismo: Oswaldo Ribeiro da Silva

Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158  
Jornal produzido na disciplina de: Comunicação, Cultura e Cidadania

Revisão, edição de títulos legendas e fios: Alunos do quarto ano do curso de Jornalismo da UCDB.

Repórteres: Ana Carolina Cáceres, Ana Paula Oshiro, Ana Paula Duarte, Larissa

Fonseca, Jakeline Costa, Thailla Torres.

Projeto Gráfico: Designer - Maria Helena Benites

Tratamento de imagens: Thiago Frison

Diagramação: Jacir Alfonso Zanatta

Impressão: Jornal A Crítica

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B, Jardim Seminário, Campo Grande - MS.  
Cep: 79117900 - Caixa Postal: 100 - Tel: (067) 3312-3735

Em Foco On-line: www.emfoco.com.br  
E-mail: pauta@ucdb.br emfoco.online@yahoo.com.br

Uso de bebidas alcoólicas prejudica o rendimento escolar

# Desempenho acadêmico

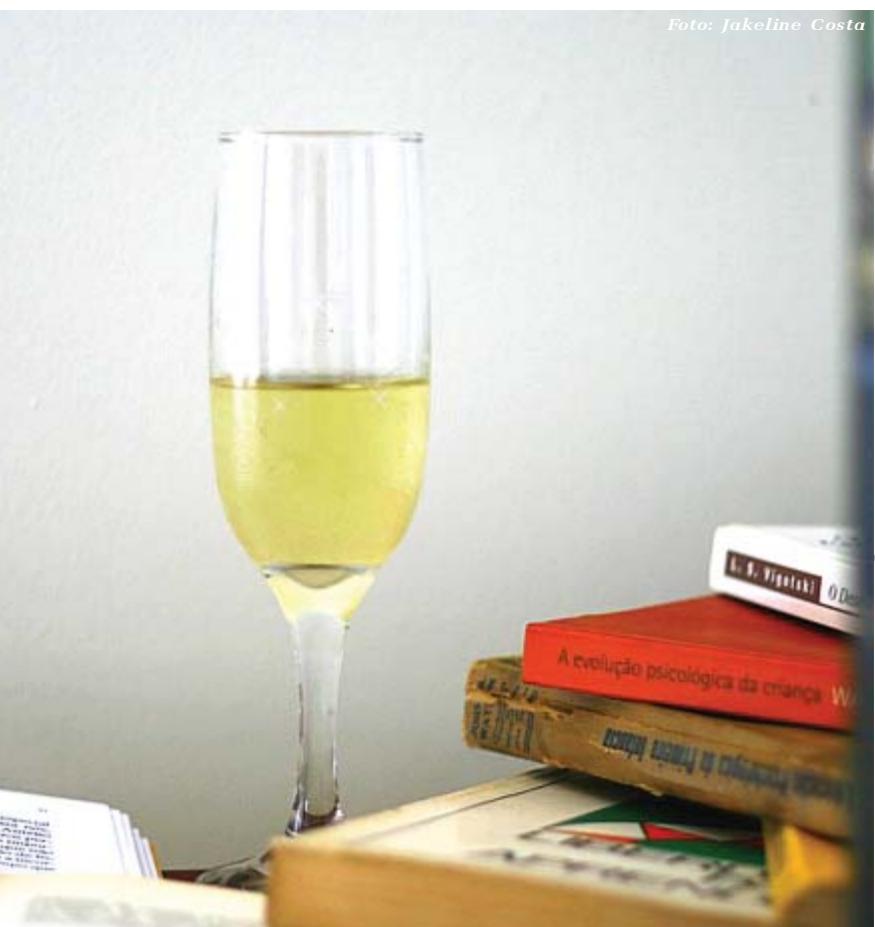
Jakeline Costa

O uso de álcool acompanha a história da humanidade e está presente em todas as comemorações. Porém muitos pensam que o seu uso só é fator preocupante quando tem a dependência instalada, o que não é verdade. Estudos apontam que o uso excessivo pode afetar o desempenho acadêmico.

Pesquisa realizada pela professora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Aline Silva de Aguiar Nemer, apontou que os acadêmicos que bebem excessivamente apresentam maior probabilidade de terem dificuldades no decorrer do curso. Para a professora, os estudantes bebem exageradamente nas festas e isso pode ser um agente de interferência no desempenho acadêmico, além de trazer consequências orgânicas, sociais e comportamentais.

Para o psicólogo Eder Ahmad Charaf Eddine, o uso de álcool é considerado algo normal na sociedade, todos os jovens bebem independentemente da idade. Na universidade isso é mais acentuado, uma vez que os jovens formam grupos e já são maiores de idade, o que facilita o acesso, apesar da idade

sultar em dificuldades de cumprir os compromissos assumidos, que no caso dos universitários é acordar no horário ou ter um bom aproveitamento nas aulas, visto que é difícil prestar atenção quando se está de ressaca. Os estudantes tendem faltar mais, principalmente no começo da semana, que seria o período de recuperação dos excessos. Tais



Álcool - O uso abusivo da bebida por jovens traz prejuízos para a educação

comportamentos, para o psicólogo, podem comprometer a vida acadêmica.

Para a universitária Aline de Araújo, de 22 anos, que cursa Enfermagem na UCDB, os colegas que bebem muito nas festas não conseguem fazer os trabalhos e estudar para as provas, e consequentemente não conseguem ter um bom rendimento na faculdade. A jovem conta que não frequenta bares nem festas por motivos religiosos. Muitos de seus amigos quando estão de ressaca dormem a aula inteira. "É legal que o álcool dá a sensação de relaxamento e deixa a pessoa mais animada na balada, mas não pode exagerar a ponto de não dar conta de fazer as atividades da faculdade, tudo em excesso, atrapalha, é complicado as pessoas se controlarem porque saem para se divertir, estão com amigos e a companhia é boa, aí vão bebendo", comenta.

O uso de álcool como percebemos é algo valorizado na nossa cultura e faz parte dos rituais sociais, happy hour com os amigos, churrasco com a família, porém é necessário dosar tal comportamento. Os jovens precisam perceber que estão numa fase da vida que necessitam se desenvolver intelectualmente para que possam ser bons profissionais, isto inclui não ceder ao uso excessivo de álcool.



Universidade - Festas e bebida em excesso acabam atrapalhando o rendimento dos universitários durante o período letivo

Museus criam novas alternativas para atrair visitantes e resgatar a memória e identidade de Mato Grosso do Sul



**Diversidade** - Apesar de suas exposições e notável acervo de objetos, diferentes atividades também se tornam atração

Larissa Fonseca

Entre objetos históricos, grandes acervos e obras artísticas de todos os segmentos, alguns museus de Campo Grande, apesar de contar com esse rico material disponível a todos e de comum acesso, vem atualmente diversificando seu modo de atrair visitantes. Com diferentes projetos e programas educativos, os museus estão sendo visitados principalmente por um grande número de alunos de escolas e acadêmicos de diferentes cursos da Capital.

Localizado no Memorial da Cultura e Cidadania Apolônio de Carvalho, o Museu de Arqueologia (MuArq), inaugurado há 8 anos, conta com mais de 70 mil peças em acervo e realiza pesquisas científicas que ajudam a resgatar a memória e a identidade multicultural da região. De acordo com a técnica de laboratório em Arqueologia, Laura Roseli Pael, os visitantes mais frequentes são pesquisadores, universitários e alunos, por conta de diferentes projetos que vão além de simples visitações. "Hoje, o museu diversificou muito e com parcerias, atraímos as pessoas não só para ver o acervo, mas para participar de palestras, encontros e atividades com alunos e professores", conta Roseli.

Também localizado no mesmo



**Propaganda** - A divulgação que deveria ser a alma do negócio não recebe a atenção necessária para que o museu seja visto

prédio do MuArq, o Museu da Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul (MIS), apesar de suas exposições e seu notável acervo de objetos, conta com diferentes atividades para atrair as pessoas, com exibição de filmes locais, nacionais e internacionais, cursos de fotografia e a divulgação de eventos, como o Festival Universitário Audiovisual (FUA). Com um número de aproximadamente 250 visitas por mês, o educador Alexandre Sogabi diz que hoje, os museus acabam competindo com os ci-

nemas, smartphones e outros. "Apesar de ser um grande esforço atrair a população, os museus acabam indo até as pessoas, levando suas obras a lugares que elas visitam mais, como os shoppings. Nossa foco é a cultura sul-mato-grossense e atraír principalmente quem realmente se interessa por ela", afirma o educador.

Em outro ponto da cidade, no Parque das Nações Indígenas, o Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (Marco) traz obras de artis-

tas de Mato Grosso do Sul e do Brasil e, como relata a arte educadora Fernanda Felice de Melo, o público prestigia fortemente exposições de artistas regionais, mas o museu também conta com um projeto educativo, recebendo um maior número de visitantes das escolas. "Apesar de recebermos bons visitantes, penso que ainda falta um incentivo das pessoas de vir conhecer. Porque quando elas viajam, a primeira coisa que vão conhecer em uma cidade como São Paulo, por exemplo, são os museus, mesmo sem nunca ter visitado um aqui", descreve Fernanda.

Olhando por outro lado da história, a jovem Marina Torrecilha, formada em Artes Visuais, complementa que apesar de ter visitado mais museus enquanto era acadêmica, não deixa de acompanhar alguns eventos culturais, mas acredita que ainda há algumas falhas. "Atualmente, existem mais opções de exibições artísticas, porém, muitas vezes, a divulgação é falha e ela é a alma da atração, pois chama atenção e faz que assim tenha maior público. Porém, a raiz cultural é extremamente importante para um povo que nasceu e valoriza a história de sua região, incluindo arte, poesia, música, fazendo que assim, o museu seja mais frequentado", ressalta a jovem.

Grupo utiliza a internet como forma de mobilização

## Amizade solidária: doação inteligente

Ana Paula Oshiro

dante tomou uma decisão e no dia 3 de dezembro de 2011, às 3h da manhã, ela mandou uma mensagem instantânea, por meio da rede social Facebook, para 11 amigos. No dia seguinte dois responderam e toparam o desafio, assim nasceu o Amizade Solidária que com 24h de vida já ganhou logomarca e fan page na internet graças ao publicitário Giordanni Calin. Em uma semana eles conseguiram arrecadar algumas doações e realizaram a primeira campanha, depois disso outros amigos aderiram à ideia. "Nem todos possuem disponibilidade de doar tempo para as distribuições, mas todos ajudam de alguma forma", explica a criadora do grupo.

Tudo começou com Fernanda Barros, líder do grupo, que sempre tentou arrecadar roupas e alimentos nas épocas especiais do ano. Ela pedia ajuda aos colegas do trabalho, mas poucos aderiram e então seu salário era praticamente destinado a aumentar as doações e deixar algumas poucas pessoas carentes felizes. Com o tempo e a não adesão dos conhecidos, Fernanda foi desistindo e deixando a ideia de lado, até que ela se deparou com uma situação que deixava claro como a realidade que vivia era extremamente diferente de outras pessoas. "Em uma noite de inverno de 2011 fazia um grande frio, cerca de 8°C, e dois irmãos bateram em minha porta pedindo o que quer que fosse para amenizar o frio que aumentaria durante a madrugada. Após ajudá-los com alguns casacos e cobertas voltei para meu quarto, onde uma xícara de chocolate quente e várias cobertas esperavam por mim. Senti uma dor lancinante ao constatar a disparidade que existia entre a realidade deles e a minha", conta Fernanda.

Com essa lembrança na mente a estu-

do

# Acessibilidade: *passaporte* para a cultura

Ana Paula Duarte

tais preveem a seleção de entidades que apresentarem propostas nessas áreas.

No teatro, cinema e eventos que, na maioria das vezes não são acessíveis, deveriam disponibilizar intérprete de libras (ou legenda em todos os filmes) e audiodescricão, um direito garantido em lei. “Nós buscamos audiodescricão, que é quando você está assistindo um filme, tem aquela pausa e uma pessoa faz uma descrição do ambiente e do artista. Na televisão já era pra estar acontecendo, tem uma lei em âmbito nacional que garante esse direito tanto na TV como no teatro e cinema”, ressalta Telma.

Segundo dados realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, temos hoje 45 milhões de brasileiros com deficiência, o que representa 23,92% da população total que tem alguma deficiência visual, auditiva ou motora.

Telma Nantes de Matos, de 46 anos, perdeu a visão na juventude, lutou três anos na Justiça porque passou em um concurso e foi indeferida, resultando na perda do salário. Superada, ela está na educação infantil e também é presidente do Instituto Sul-Mato-Grossense para Cegos “Florivaldo Vargas” (Ismac), centro especializado para pessoas com deficiência visual, cegas ou com baixa visão, que atende desde bebês até pessoas idosas.

Telma tem uma luta árdua a favor das crianças com deficiência visual, que é a primeira de muitas: o acesso ao livro. “As pessoas cegas não tem acesso ao livro, se chegam 5.700 livros publicados no Brasil, deste número apenas três livros infantis foram passados para o sistema braile. Nas escolas já começam a passar os livros infantis para o braile, se nós quisermos proporcionar para essas crianças o acesso a cultura nós temos que adaptar”, explica.

Pouco mais de um mês após a entrevista com ela, o Ministério da Cultura lançou editais de incentivo à acessibilidade em bibliotecas públicas e à produção e distribuição de livros voltados a pessoas com deficiência visual. Os recursos totalizam R\$ 4,2 milhões. Os edi-

zar algumas réplicas em miniatura para os cegos poderem tocar, além do intérprete de libras para os surdos. “A cultura é igual um museu, não é igual um supermercado onde todo mundo vai, vai quem tem uma cultura”, disse Telma.

Ela lembrou de um caso já comentado por cadeirantes em Campo Grande, o elevador do Teatro Aracy Balabanian. “Tivemos uma apresentação no Centro Cultural José Octávio Guizzo e não tem acessibilidade pra cadeirante, na hora de contratar o teatro falararam que tem elevador, mas está parado”, sussurrou ela, à procura de solução.

De acordo com o presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (FCMS), Américo Calheiros, o elevador do teatro não está muito tempo parado porque o Centro Cultural passou por uma reforma recentemente, mas revela que a Capital ainda carece em ter uma manutenção especializada com as peças pronta entrega. “São equipamentos de difícil manutenção, o grande problema é esse, não é que não tem”, afirma.

Entramos com três processos em andamento: processo para fazer a manutenção, arrumar o elevador do Teatro Aracy Balabanian e também no entorno para a gente poder sanar esse problema”,

justificou ele.

“A parte administrativa a gente toma todas as providências, a gente espera que no dia da apresentação não seja deserto porque esse tipo de elevador pelo nosso conhecimento aqui no Estado só tem uma empresa exclusiva para atender esse serviço, que é a recuperação e manutenção. Como a gente é um órgão público, temos que cumprir a parte de legislação, por exemplo, se essa empresa que é exclusiva no dia do edital não estiver com a documentação 100% tem que ficar esperando, é onde demora” disse Maria Madalena Rodrigues, gerente de administração e finanças da FCMS.

Américo acredita que a cultura é inclusiva e cita como exemplo a seleção de eventos promovidos pela Fundação de Cultura. “Quando é um show fazemos um show aberto que tanto pode ir idoso como a criança. Tem espaços que também possibilitam a presença dessas pessoas, claro que em determinado momento tem ações voltadas para criança no âmbito da formação de leitores ou dança. A gente busca possibilitar uma facilidade de acesso a todos indistintamente, quando se faz necessário ter um foco específico direcionamos”, ressalta.

Frederico Rios, de 32 anos, é formado



**Dificuldades** - O processo para a manutenção dos elevadores é uma das barreiras que os deficientes sofrem para ter acesso à cultura



**Inclusão** - O blog “Acessibilidade na prática” foi a ferramenta de Frederico Rios para mostrar os casos de irregularidades que acontecem em várias regiões do Brasil

em Medicina Veterinária, sofreu acidente de moto em 2008, que o deixou tetraplégico devido a uma lesão medular na altura da vértebra C5. A partir de uma amiga, ele criou o blog “Acessibilidade na prática” ([www.acessibilidadeenapratica.com.br](http://www.acessibilidadeenapratica.com.br)) onde a ideia é visitar os lugares e avaliar como está a acessibilidade, no começo a intenção era distraí-lo, mas depois o blog começou a ficar conhecido nacionalmente até que uma agência de marketing viu o blog e ofereceu suporte. No blog, ele e colaboradores produzem conteúdos simples, com fotos deles e recebem flagras dos seguidores cadastrados.

Após três anos de criação, o maior número de acessos (ultrapassa cinco mil por mês) dos blogs é de São Paulo, seguido de Campo Grande, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Frederico assinala que o primeiro problema é o trabalho relacionado com o espaço físico antes de se chegar ao local, depois vem a disposição de cadeiras em qualquer auditório, quase unâniem em isolar os cadeirantes. No primeiro post do blog, em 2010, no Centro de Convenções Arquiteto Rubens Gil de Camillo, ele elogiou a beleza do local, mas notou uma acessibilidade precária.

Segundo ele, o cinema é o exemplo mais incorreto porque além de estar no pior lugar, em cima da tela, o cadeirante geralmente tem problema no pescoço ou uma cirurgia. “Eu por exemplo tenho, e

já fica complicado, fora que quando o filme é legendado parece que estamos assistindo uma partida de tênis. A questão da inclusão, você não pode pegar e falar que esse cantinho é reservado para cadeirante porque você acaba excluindo essas pessoas. Você provoca uma segregação”, reforça.

Frederico disse não frequentar muitos museus porque fica desanimado em ir sempre, não que não goste. “Eu vou bem menos do que eu gostaria de ir, principalmente por causa dessas dificuldades, no meu caso principalmente para estacionar, questão de banheiro depende muito de quem vai comigo. Dependendo do lugar eu evito”, disse ele.

Dependendo

Em uma coisa todos concordam: Campo Grande deixa muito a desejar e como outras cidades tem muito para caminhar na acessibilidade cultural, um assunto sempre vivo para discussões e ações. Como porta-voz de uma maioria silenciosa, Telma conclui: “É um direito que temos de dever de buscar para fazer o acesso a informação e cultura. Acesso a cultura é acesso a informação e uma pessoa informada é uma cidadã. Acesso a cultura torna o cidadão muito mais poderoso, conchedor”.

**Política**

Em setembro de 2013, o assunto foi pautado pelo presidente da câmara de Campo Grande, o vereador Mario Cesar (PMDB), juntamente com especialistas da área, que discutiram a criação da Secretaria Municipal do Idoso e da Pessoa com Deficiência e



**Realização** - Telma Nantes luta pela inclusão dos deficientes visuais